

V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal



V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal

**FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, MEDA,
PINHEL E VILA NOVA DE FOZ CÔA,
13 A 16 DE MAIO DE 2009**

Dando continuidade aos congressos que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar, realizou-se entre 13 e 16 de Maio de 2009 o 5.º Congresso de Arqueologia, que procurou divulgar e debater a investigação que decorre na região. A Direcção Regional de Cultura do Norte juntou-se à iniciativa, promovendo a edição das Actas das Sessões, essencial para a real divulgação dos conteúdos, valorização do património e dos conhecimentos.

Sessões:

- Arte Rupestre e Pré-História
 - Proto-História e Romanização
 - O Período Medieval e Pós-Medieval
 - Museus e Dinâmica Cultural das Regiões
-

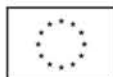
Organização do Congresso:

Parque Arqueológico do Vale do Côa
Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Apoio à Organização e Entidades financiadoras:

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Câmara Municipal de Meda
Câmara Municipal de Pinhel
Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo

Entidades financiadoras da Edição:



União Europeia
FEDER
Investimos no seu futuro

Fotografias capa:

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA,

DALILA CORREIA,

JOÃO ROMBA,

JOSÉ PAULO RUAS,

MÁRIO REIS

JPR	JPR	JPR	JR
JR	JPR	JPR	JPR
DC	AMB	JPR	MR

Em 2003 a Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão organizou o primeiro Congresso de âmbito regional que viria a ter continuidade nos anos seguintes. Em 2006, o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o Centro Nacional de Arte Rupestre associaram-se à organização e as três entidades, com o decisivo apoio dos municípios de Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, organizaram o 3.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. O Congresso decorreu entre 16 e 18 de Maio de 2006 naqueles três municípios, integrando 6 sessões. As actas foram publicadas numa edição viabilizada pela AIBT do Vale do Côa.

O 4.º Congresso revestiu-se de um formato diferente, um Fórum de Valorização e Promoção do Património Regional, que teve lugar nos dias 28, 29 e 30 de Junho de 2007, nos municípios de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, os quatro concelhos que integram o Parque Arqueológico. As actas foram publicadas pela ACDR de Freixo de Numão, com financiamento da AIBT do Vale do Côa e das autarquias envolvidas.

Em 2009, de 13 a 16 de Maio, realizou-se, nos mesmos municípios, o 5.º Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal, organizado pela ACDR de Freixo de Numão e Parque Arqueológico do Vale do Côa cujas actas são agora dadas à estampa pela Direcção Regional de Cultura do Norte.



título

Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal

coordenação

Miguel Areosa Rodrigues
Alexandra Cerveira Lima
André Tomás Santos

autores

AA VV

capa

Ana Sarmento

composição gráfica

Ana Sarmento

data de edição

1.ª edição, Dezembro de 2011

ISBN

978-989-658-184-8

depósito legal

?????/??

edição



Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, S.A.

Rua de Estrasburgo, 26 – R/c Drt.º

2605-756 Casal de Cambra · Portugal

Tel.: (351) 21 981 79 60 · Fax: (351) 21 981 79 55

e-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt

DIRECÇÃO REGIONAL
DE CULTURA DO NORTE

Apoios



União Europeia
FEDER
Investimos no seu futuro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO	9
PROSPECÇÃO DA ARTE RUPESTRE DO CÔA: PONTO DA SITUAÇÃO EM MAIO DE 2009 Mário Reis.....	11
CRUZANDO OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS E ARTE RUPESTRE NO VALE DA RIBEIRA DO MOSTEIRO: DADOS DA PRIMEIRA CAMPANHA S.S. Figueiredo, R. Gaspar, P. Xavier	125
UMA OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO NA QUINTA DE SÃO TIAGO (DOMINGUIO – COVILHÃ) Júlio Manuel Pereira, António Sérgio dos Santos Pereira	161
AS CERÂMICAS DO TERCEIRO E SEGUNDO MILÉNIOS A. C. DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA) Ângela Carneiro.....	187
INDÍCIOS DE VITRIFICAÇÃO DA MURALHA PROTO-HISTÓRICA DO SABUGAL VELHO Marcos Osório, Paulo Pernadas.....	219
OUTEIRO LESENHO (BOTICAS): INTERVENÇÕES RECENTES NO POVOADO PROTO-HISTÓRICO Carla Maria Braz Martins, Gonçalo Passos Correia da Cruz, João Fonte	239
ARTE RUPESTRE DE BRITEIROS. INVESTIGAÇÃO E POSSÍVEL MUSEALIZAÇÃO Gonçalo Passos Correia da Cruz, Daniela Dolores Faria Cardoso	255
UMA “NOVA VIA” NA VELHA REDE VIÁRIA ROMANA DE MANGUALDE António Luís Marques Tavares	273
EXPLORAÇÕES AURÍFERAS NO ALTO DOURO PORTUGUÊS (ENTRE A FOZ DO RIO TUA E BARCA DE ALVA) Francisco Sande Lemos, Carla Maria Braz Martins	293
“PELA BEIRA INTERIOR NO SÉCULO I D. C. – DAS CAPITAIS DE <i>CIUITATES</i> AOS <i>UICI</i> , ENTRE O PÔNSUL E A ESTRELA” Pedro C. Carvalho	317

VALE DO MOURO (CORISCADA – MÊDA) – PONTO DA SITUAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO DE 2003 A 2009 António Sá Coixão, Tony Silvino, Pedro Abrunhosa Pereira	335
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE S. GENS (SANTA MARIA, CELORICO DA BEIRA) – NOTÍCIA PRELIMINAR DA CAMPANHA DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADA EM 2008 António Carlos Marques, Catarina Tente	339
O MONTE DA SR. ^a DO CASTELO EM TEMPOS MEDIEVOS. ANÁLISE DO ESPÓLIO EXUMADO Carla Maria Braz Martins	357
GEOGRAFIAS E ESTRATIGRAFIAS INTERPRETATIVAS DO ESPAÇO CONSTRUÍDO DOS PAÇOS (SÉCS. XV-XVI) Salete da Ponte, Rui Ferreira, Maria José Bento	379
A ARQUEOLOGIA ICONOGRÁFICA DA (I) MATERIALIDADE DOS ARTEFACTOS CERÂMICOS DA “PEDRO DIAS” Salete da Ponte, Judite Miranda, Ricardo Triães, Rosa Vieira	387
A ABERTURA DO TÚNEL DE LA CARRETERA NO ÂMBITO DA CONSTRUÇÃO DA FERROVIA DO DOURO EM TERRITÓRIO SALMANTINO: ABROLHOS E SOLUÇÕES COM UM TERRÍVEL DESASTRE DE PERMEIO Carlos d’Abreu, Emilio Rivas Calvo	397
O CINEMA NO DISTRITO DA GUARDA – NOTAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO António Alberto Rodrigues Trabulo	439
ESBOÇO DE UMA POLÍTICA EDUCATIVA PARA O MUSEU DO CÔA Marta Mendes	463
PROJECTO DE CRIAÇÃO DE NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS E/OU CENTROS DE INTERPRETAÇÃO NA ÁREA DOS CONCELHOS DE VILA NOVA DE FOZ CÔA E MÊDA António do Nascimento Sá Coixão, Sandra Naldinho	479
O MUSEU DO SABUGAL E O SEU PAPEL NA DINÂMICA CULTURAL DO VALE DO CÔA Carla Augusto, Jorge Torres	507
AS EXPECTATIVAS DA “RENTABILIDADE SOCIAL” DA PAISAGEM NO ÂMBITO DA GESTÃO DO PATRIMÓNIO DAS “PAISAGENS/ESPAÇOS CULTURAIS” José Paulo Francisco	519
CARTAS ARQUEOLÓGICAS E CARTAS PATRIMONIAIS COMO INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL. A PERTINÊNCIA, OU NÃO, DE LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA? Fernando Pau-Preto	533

AS CERÂMICAS DO TERCEIRO E SEGUNDO MILÉNIOS A. C. DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA)

Ângela Carneiro*

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados concisos da análise da cerâmica do terceiro e segundo milénios a. C. do sítio de Castanheiro do Vento. A cerâmica foi analisada em termos de morfologia, tecnologia e decoração, usando métodos arqueológicos diferentes. Foi possível identificar cerâmica com características diferentes, usada durante um longo período de tempo. De seguida relacionaram-se géneros cerâmicos com a estratigrafia e as datas absolutas do sítio para os diferenciar melhor cronologicamente e abordar alguns entraves da análise temporal em sítios arqueológicos de ar livre utilizados durante longos períodos temporais.

Castanheiro do Vento foi certamente um sítio imponente no terceiro e segundo milénios a. C. Ele localizava-se na margem sul do rio Douro, no nordeste de Portugal, rodeado de outros sítios coevos. Outros locais com materiais similares foram encontrados numa região mais vasta, sobretudo no Norte e Centro interior de Portugal, assim como na Meseta Norte em Espanha.

As cerâmicas e as datas de radiocarbono de alguns desses sítios foram comparadas com as cerâmicas e as datas absolutas de Castanheiro do Vento, permitindo encontrar os melhores paralelos em sítios tais como Castelo Velho, Buraco da Pala, Castelo de Algodres, Quinta da Assentada e relativo a períodos mais recentes Fraga da Pena e El Castillo.

Abstract

This study presents the succinct results of an investigation about the ceramic of the third and second millenia cal. B. C. from the site of Castanheiro do Vento. The ceramic was analysed concerning morphology, technology and decoration by using different archaeological methods. It was possible to identify ceramic with different characteristics and

* Bolseira doutorada da FCT.

after stratigraphy and the absolute dates from a long period of time. Later types of ceramic were related with the stratigraphy and the absolute dates of the site to differentiate them chronologically and to approach the temporal dimension in open archaeological places with a long term of use.

Castanheiro do Vento was a stately place in the third and second millennia cal. B. C., located in the South side of the Douro River in Northern Portugal, surrounded by other contemporary places. Places with similar materialities were been found over a large region specially, in Northern and Central inner of Portugal and in the North of Meseta in Spain. The ceramic and the data of radiocarbon dates from some of these sites were compared with the pottery and absolute dates of Castanheiro do Vento and have the best parallels in sites like Castelo Velho, Buraco da Pala, Castelo de Algodres, Quinta da Assentada and for more recent periods Fraga da Pena and El Castillo.

Introdução

Neste artigo tratam-se alguns aspectos da cerâmica do terceiro e segundo milénios a. C. do sítio de Castanheiro do Vento, designadamente faz-se a sua caracterização, incluindo alguns dados quantitativos. Para se ter uma ideia geral acerca da olaria deste sítio optou-se neste trabalho por uma análise de conjunto. A análise contextual da cerâmica de Castanheiro do Vento será apresentada nos próximos trabalhos. Aqui são abordadas cerâmicas com diferenças técnicas e cronológicas, que na parte final são analisados no contexto de outros sítios do norte e centro interior de Portugal, assim como da Meseta Norte em Espanha.

O estudo das cerâmicas de Castanheiro do Vento realiza-se desde 2007 coordenado pelo Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge da Universidade do Porto, no âmbito de uma bolsa de pós doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A este devo e agradeço o convite em estudar os materiais cerâmicos deste sítio e a total liberdade de abordá-los como o entender.

Informações gerais sobre o sítio

O sítio de Castanheiro do Vento pertence em termos administrativos à freguesia da Horta do Douro e ao município de Vila Nova de Foz Côa e está situado na margem sul do rio Douro entre o rio Torto e a ribeira da Teja, no topo do monte que lhe deu o nome, em plena região do Alto Douro, segundo as seguintes coordenadas: 41° 3' 49" Latitude Norte e 7° 19' 18" Longitude Oeste (Greenwich), de acordo com a Carta Militar de Portugal, folha 140, à escala 1/25.000.

Este sítio foi descoberto em 1983 por António Sá Coixão, arqueólogo local, responsável pelo reconhecimento de inúmeras estações arqueológicas numa larga área do Alto Douro. Em 1989 este arqueólogo impediu a destruição da estação arqueológica de Castanheiro do Vento, mesmo antes da sua investigação, ao interromper o início dos trabalhos de plantação de eucaliptos nas áreas interior e circundante do sítio. Um ano depois o Instituto Português do Património Cultural tomou medidas de protecção da estação arqueológica. Dada a importância que lhe foi reconhecida desde o início dos trabalhos de campo, o sítio de Castanheiro do Vento tem vindo a ser escavado continuamente desde 1998, em campanhas anuais de quinze dias a três meses, por uma vasta equipa de arqueólogos da Universidade do Porto. Deste trabalho resultou o conhecimento não só de uma vasta área construída, de pelo menos 8.944 m² (cerca de 1 hectare), e de um avultado e significativo espólio (V. O. Jorge *et al.*, 2002a, p. 73-93; 2002b, p. 36-56; 2003a, p. 99-131; 2003b, p. 137-161; 2003c, p. 79-113; 2004, p. 97-140; 2005, p. 61-67; 2007, p. 251-266).

O sítio de Castanheiro do Vento é actualmente a ruína de uma construção monumental e complexa constituída por vários elementos arquitectónicos que se conjugam entre si (Fig. 1). Se a sua planta hoje sugere ser uma arquitectura caótica e labiríntica, tem de considerar-se o longo tempo, de pelo 1500 anos, em que ali se construiu e reconstruiu segundo concepções que se modificaram gradualmente. No auge do seu apogeu arquitectónico terá certamente provocado um impacto na paisagem circundante, não só pela sua arquitectura monumental, como também pela sua implantação elevada na paisagem, assim como pelas características intrínsecas à paisagem local e circundante. Todavia o seu efeito sobre a paisagem foi sendo alterado. Inicialmente a área construída não teria tido a amplitude com que o conhecemos hoje. Teria sido antes construído progressivamente. No sítio de Castanheiro do Vento ocorreram certamente processos vários: paralelos, sobrepostos, com desenvolvimentos e retrocessos. A arquitectura algo perecível de xisto, quartzo, terra e água permite ainda hoje vislumbrar a magnificência de outros tempos.

A longa série de datas de radiocarbono, que por enquanto diz predominantemente respeito à parte este do sítio, aponta para a sua edificação gradual ao longo do terceiro milénio a. C., sobretudo desde o segundo quartel. A sua utilização, e possível construção, prolonga-se para além da primeira metade do segundo milénio a. C., tendo sido ainda frequentado no primeiro milénio a. C. e novamente, de tempos em tempos, desde a Idade Média (V. O. Jorge *et. al*, 2003c, p. 79-113; J. Cardoso, 2008, p. 164, 494, 495).

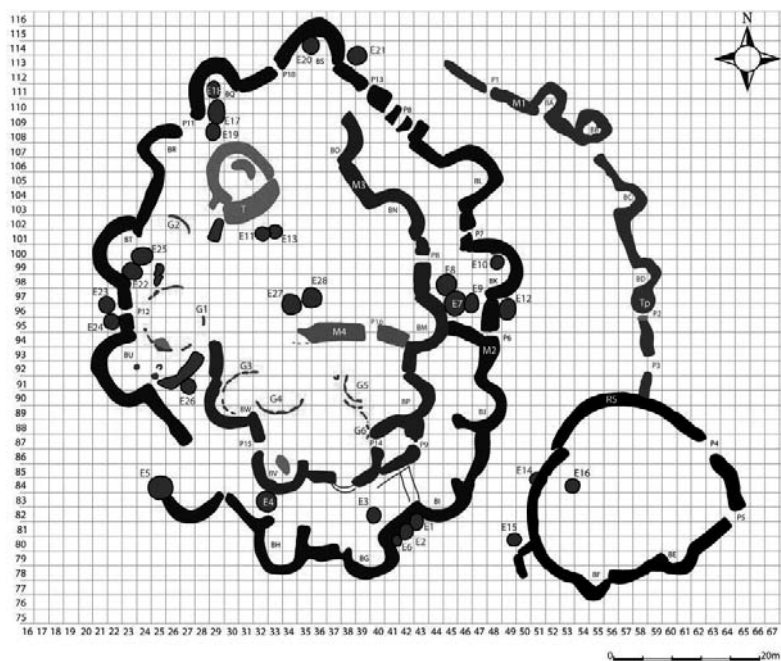
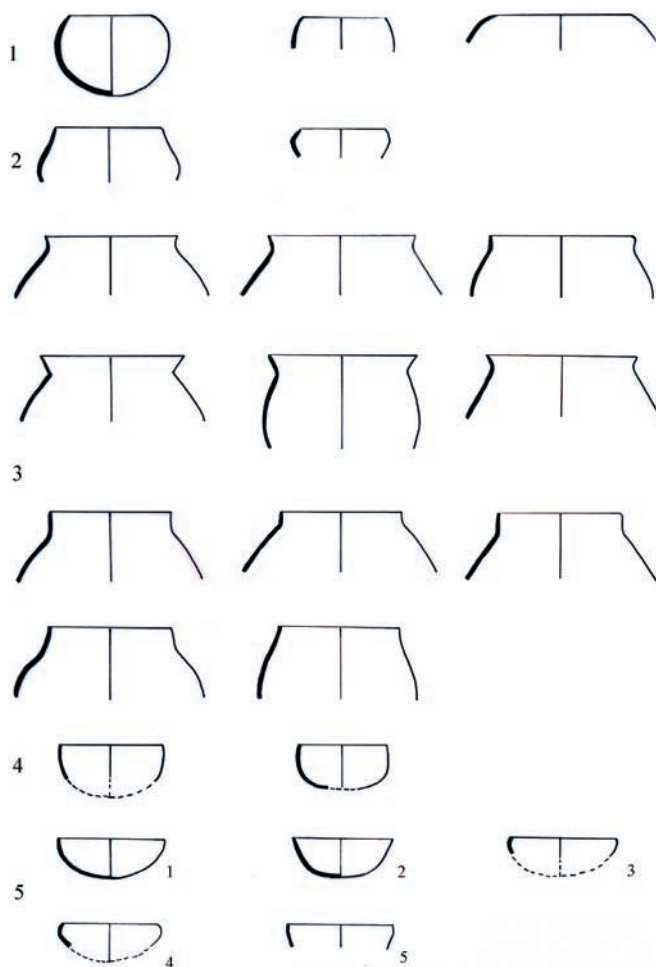


Fig. 1 – Planta do sítio de Castanheiro do Vento (desenho de Bárbara Carvalho e Ana Vale).

Introdução à análise dos materiais

O material cerâmico estudado por mim provem das campanhas de escavação de 1998 a 2005 e da estrutura O escavada parcialmente em 2006 e compreende o material das camadas 1-4, desde o murete 1 e recinto secundário, incluindo as estruturas adjacentes, a este do sítio até sensivelmente à metade este do recinto principal definido pelo murete 3, na linha das estruturas semi-circulares H e O (Fig. 1). Todavia este estudo não inclui a totalidade do material exumado no sítio de Castanheiro do Vento entre 1998 e 2005, antes a totalidade do material disponibilizado para este trabalho.

Analisaram-se 16.109 fragmentos pertencentes a um mínimo de 15.017 vasos, incluindo cerâmica do terceiro e do segundo milénios a. C.. Como se pode ver na seguinte



Est. 1 – Formas tipo da cerâmica do terceiro milénio a. C. de Castanheiro do Vento.

tabela (Quadro 1), a maior parte dos fragmentos encontrados provem do bojo de diferentes tipos de vasos, tendo sido possível identificar um grande número pertencente à parte superior do bojo. Significativo, sobretudo para o reconhecimento das formas, é o número de fragmentos de vasos preservados em diferentes partes desde o bordo ao bojo ou até ao fundo, embora se possa ver que o número de vasos com o perfil completo é muito reduzido, relativo à grande quantidade de material analisado.

Estes dados permitem também dar a conhecer o elevado grau de fragmentação, acompanhados da provável grande dispersão espacial dos recipientes analisados. A análise espacial da dispersão de fragmentos de um mesmo recipiente foi, tanto quanto possível exaustiva, mas não total, por ordem de diversos factores, entre eles: o esforço que isso implicaria com os poucos recursos de trabalho, numa estação arqueológica de grandes dimensões e com um espólio avultado, que para além do mais ainda se encontra parcialmente escavada.

Quadro 1 – Ocorrência dos constituintes morfológicos analisados em relação ao número de fragmentos e ao número mínimo de vasos

Ocorrência dos constituintes formais dos recipientes	N.º de fragmentos	N.º mínimo de vasos
bordos	6	6
colos sem e com bordo	55/205	52/195
parte superior do bojo	5.166	4.705
bojos	8.438	8.304
bojos junto à zona de maior diâmetro	3	2
fundos sem e com parte inferior do vaso	5/28	5/22
perfil completo	83	9
asas	5	5
do bordo à parte superior do bojo	1255	980
do bordo à zona de maior diâmetro do bojo	7	2
do bordo à parte inferior do bojo	292	270
do colo à parte superior do bojo	313	294
do colo à zona de maior diâmetro do bojo	2	2
do colo à parte inferior do bojo	35	2
da parte superior do bojo ao fundo	16	5
da parte superior à zona de maior diâmetro do bojo	1	1
da parte superior à inferior do bojo	110	71
da zona de maior diâmetro do bojo à parte inferior	5	5
bojos (a maioria) afeiçãoados em forma circular ou oval	36/45	36/45
Total	16.109	15.017

Cerâmica do primeiro ao terceiro quartéis do terceiro milénio a. C.

Análise morfológica

Característico para a cerâmica de Castanheiro do Vento do primeiro ao terceiro quartéis do terceiro milénio a. C. são (Est. 1, Quadro 2 e 4):

- formas fechadas simples, tipo vasos esféricos (Est. 1/1) (7 exemplares, 0.1 %) e bicónicos (Est. 1/2) (3 exemplares, 0.04 %), provavelmente de fundo redondo, de pequenas (6/7-15 cm) e médias (16-19 cm) dimensões. A estes pertenceriam também fragmentos de 505 vasos sem colo, fechados, com a parte superior do bojo arqueada e introvertida (dois deles com rebordo) e 69 vasos sem colo, fechados, com a parte superior do bojo plana e introvertida, de que apenas se conhece a sua parte superior. Por isso não puderam ser classificados como vasos esféricos e bicónicos. Caso contrário elevar-se-ia a sua percentagem para 7.7 % e 1 % respectivamente;
- vasos com colo, predominantemente baixo, de corpo esférico, oval ou bicónico (Est. 1/3), de dimensão média (16-19 cm) e grande (26-36 cm) (655 exemplares, 9.8 %). Os colos têm uma forma arqueada e extrovertida, cónica invertida ou cilíndrica e são predominantemente baixos e médios e menos frequentemente altos (Est. 1/3.1-3);
- formas abertas simples (168 exemplares, 2.5 %) pequenas (6/7-15 cm) e médias (16-19 cm) em que dominam taças hemisféricas (Est. 1/5.1) (76 exemplares), calotes esféricas (Est. 1/4) (61 exemplares), e ainda duas taças baixas com a parte superior do bojo direita e introvertida (Est. 1/5.4 e 5) e
- fragmentos de vasos (na maioria bojos, mas também colos) reaproveitados e afeiçoados com forma circular ou oval aproximada, de diâmetros médios de 6 a 18 cm (Fig. Est. 4.2).

Quadro 2 – Análise da altura do colo dos vasos relativo ao diâmetro dos bordos

Altura do colo dos vasos e a sua relação com o diâmetro dos bordos					
Vasos de colo baixo		Vasos de colo médio		Vasos de colo alto	
Ø do bordo	Altura do colo	Ø do bordo	Altura do colo	Ø do bordo	Altura do colo
14-19.5 cm	10-25 cm	12-25 cm	30-45 cm	12-18 cm	5-8 cm
20.2 %		42.8 %		1.7 %	
20-25 cm	10-30 cm	26-36 cm	33-50 cm		
17.8 %		10.7 %			
26-32 cm	10-35 cm	32 cm	67 cm		
5.9 %		0.5 %			

Os restantes fragmentos com forma (Quadro 3) não permitem ser classificados como vasos de forma específica, podendo muitos deles, perante o seu estado de fragmentação, ser até incluídos em mais do que um tipo morfológico.

Quadro 3 – Ocorrência de formas de classificação limitada

Ocorrência de formas de classificação limitada	Número mínimo de vasos
vasos com parte superior do bojo arqueada e introvertida (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	4978
vasos com parte superior do bojo de paredes direitas e introvertida (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	75
vasos com parte superior do bojo igeiramente reentrante (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	36
vasos com corpo esférico (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	57
vasos com parte superior do bojo sup. arqueada e introvertida e inferior direita e extrovertida (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	10
vasos com corpo esférico (poderão ter sido de vasos com e sem colo)	18
vasos com colo indeterminável	22
vasos com colo indeterminável e parte superior do bojo arqueada e introvertida	166
vasos com colo indeterminável e parte superior do bojo direita e introvertida	60
Total	5422

A análise dimensional das formas baseada na relação do diâmetro dos bordos e dos bojos, assim como da altura dos vasos, permitiu dar uma ideia geral do espectro dimensional das formas, ainda que limitada pela escassez de dados (Quadro 4). Vasos com um diâmetro do bordo até 20 cm são em geral vasos esféricos, bicónicos e taças, enquanto vasos com colo têm em geral maiores dimensões. Todavia as formas apresentam em geral todas as categorias dimensionais assinaladas.

Apesar dos vasos de pequenas dimensões (categoria 1) estarem bem representados, são mais frequentes os de dimensões médias e grandes (categorias 2 e 3), que incluem vasos esféricos, bicónicos, assim como vasos com diversos tipos de colo e taças. A avaliar pelas suas formas e dimensões poderão estes ter sido utilizados na preparação, confecção e ingestão de alimentos, assim como na contenção e armazenamento de produtos alimentares líquidos e sólidos, tanto para consumo diário como para consumo durante um período de tempo mais longo.

Os recipientes de grandes dimensões (categoria 4), predominantemente grandes vasos com colo, poderão ter sido usados em primeira linha na armazenagem de alimentos e outros bens. Enquanto que os da categoria 1, mais pequenos e constituídos por vasos esféricos, bicónicos e taças, teriam tido uma maior aptidão para serem utilizados em actividades relacionadas com a alimentação, assim como outras actividades diárias

e sazonais de carácter prático ou ritual características de sociedades com uma estrutura organizacional simples.

Contudo como ainda não foram encontrados contextos bem definidos da utilização da cerâmica de Castanheiro do Vento, não se pode deduzir o seu ambiente e carácter utilitário. Tanto mais que há toda uma outra dimensão de utilização cerâmica, aqui tenuamente referida, que não pode ser excluída, tal como a sua utilização em actividades sociais diversas (por ex. nascimento, casamento, doença, morte, festas), políticas (reuniões, recepção de convidados), religiosas, sagradas e rituais, que também poderá ter feito parte do dia-a-dia das comunidades que construíram e utilizaram o sítio de Castanheiro do Vento.

Quadro 4 – Análise dimensional dos vasos

Dimensões das Formas (em cm)			
Pequenas dimensões Categoria 1	Dimensões médias Categoria 2	Grandes dimensões Categoria 3	Dimensões muito grandes Categoria 4
6/7-15 (bordo Ø)	16-19,5 (bordo Ø)	20-25 (bordo Ø)	26-40 (bordo Ø)
8-15 (barriga Ø)	18-23 (barriga Ø)	25-27 (barriga Ø)	27-51 (barriga Ø)
4,5-8 (altura)	5,8-12 (altura)	– (altura)	– (altura)
22 %	31 %	33 %	12,5 %

Apenas foram identificados três fragmentos de fundo redondo. Todavia os fundos dos 7 vasos de perfil completo são redondos. A ocorrência reduzida deste tipo de fundo dever-se-á antes à sua extrema fragmentação (os fundos redondos são em geral mais delgados que a espessura dos bojos) e à dificuldade em diferenciá-los dos fragmentos de bojo das formas esféricas e afins. Assim creio que a olaria do terceiro milénio a. C. de Castanheiro do Vento, tanto a de vasos abertos como a de fechados, terá comportado predominantemente, quando não totalmente, fundos redondos.

Apesar de não haver uma grande variedade de formas, deve-se a sua diversidade à variabilidade dos itens formais. Por exemplo uns vasos esféricos são mais fechados que outros, o perfil das taças hemisféricas é de caso para caso diferenciado e os vasos com colo apresentam contornos e proporções do colo e do bojo muito diversos.

O perfil da cerâmica é em geral suave, mesmo o dos vasos com um perfil mais acentuado, tendo-se registado apenas duas formas carenadas.

Análise das técnicas de fabrico

As pastas da cerâmica de Castanheiro do Vento são, como qualquer outra olaria pré-histórica grosseiras, embora algumas sejam mais depuradas e outras apresentem mais e maiores elementos não plásticos.

As cerâmicas foram modeladas à mão. A única técnica de manufactura reconhecida até ao momento é a dos rolos espiralados ou concêntricos. As paredes onduladas de alguns fragmentos cerâmicos, sobretudo no lado interno, deixam transparecer os rolos mal regularizados por debaixo das superfícies. Todavia é característico desta olaria o cuidado extremo na modelagem das formas e na regularização das suas superfícies, dificultando a identificação das técnicas e detalhes da sua elaboração.

As superfícies foram, depois de regularizadas, alisadas e depois polidas, já num momento avançado da secagem antes da cozedura, até atingirem um brilho por vezes muito intenso. No entanto nem todos os objectos cerâmicos foram polidos após o alisamento.

A decoração foi aplicada após o alisamento e o polimento. Embora nem todas as cerâmicas decoradas tenham sido polidas, nem mesmo no caso das cerâmicas apresentarem um aspecto mais fino relativamente às pastas e à qualidade da execução decorativa.

As cores vermelha, laranja e bege predominam sobre as castanhas, cinzentas e negras, embora fragmentos individuais possam apresentar grande variabilidade cromática. Devido a isto fica-se com a impressão de que a cerâmica terá sido cozida em fogos abertos ou fornos sem cobertura, tipo “meiler”.

Alguns vasos foram perfurados após a cozedura, de preferência junto ao bordo e colo. Pela total ocorrência da posição das perfurações na parte superior dos vasos e pelo facto de até ao presente se terem apenas identificado perfurações únicas (e não duplas lado a lado), parecem estas ter sido feitas para permitir a suspensão dos recipientes, mais do que para repará-los.

Análise decorativa

Por mera formalidade apresenta-se o número de fragmentos/vasos lisos (11.013/10.740) e decorados (4.891/4.109) da cerâmica do terceiro milénio a. C. de Castanheiro do Vento (Quadro 5). Uma vez que o grau de fragmentação é elevado e os vasos decorados também têm zonas lisas, dificilmente nos poderam dar estes valores aleatórios, indicações quantitativas fiáveis da cerâmica decorada e não decorada. A avaliar pelo perfil completo de um dos sete vasos pode dizer-se que nem todas as formas foram decoradas. Por outro lado uma vez que a área abaixo do bordo e a parte superior do bojo dos vasos constituem zonas decorativas preferencias, talvez se possa dar uma ideia do número de vasos decorados e lisos através da pre-

sença e ausência decorativa no seu terço superior. 3.304 fragmentos de um mínimo de 3.276 vasos apresentam decoração na parte superior (do bordo à parte superior do bojo) num total de 5.968 fgs. de 4.920 vasos, o que em termos percentuais significaria, que pelo menos 55.3 % dos fragmentos de 66.5 % vasos teriam sido decorados. Esta análise leva a supor, que mais de metade da cerâmica de Castanheiro do Vento poderia ter sido decorada.

Quadro 5 – Relação quantitativa entre a cerâmica decorada e a lisa

Valores quantitativos da cerâmica decorada e lisa				
Cerâmica decorada		Cerâmica lisa		Total
N.º de fragmentos	N.º mínimo de vasos	N.º de fragmentos	N.º mínimo de vasos	
4.891	4.109	11.013	10.740	Total da cerâmica 14.904/14.849
3.304 (55.3 %)	3.276 (66.5 %)	2.664 (44.7 %)	1.644 (56.5 %)	1/3 superior 5.968/4.920
6		1		Vasos completos 7

4.878 motivos decorativos representados em 4.109 vasos revelam a profusão decorativa da cerâmica. No entanto esta apresenta-se em geral simples, equilibrada e pouco ostentativa, pela preferência de motivos dispostos na horizontal, sobretudo na parte superior dos vasos. Estas características decorativas estão também presentes em vasos com um maior grau de reconstituição do perfil, apresentando por vezes uma decoração abrangente até à parte inferior do bojo. No entanto há por vezes num mesmo vaso, aliás fragmento, a conjugação de um a quatro motivos diferentes, o que permitiu identificar 143 composições decorativas e 78 motivos, sendo os mais frequentes o penteado linear horizontal e o penteado ondulado horizontal com variações de execução de extremamente fino (dentes com ca. de 1 mm de espessura e de igual distância entre dentes) ao grosseiro (dentes com ca. 3 a 4 mm de espessura e 2 a 3 mm de distância entre si). O motivo penteado ondulado horizontal apresenta ainda uma gama variável e contornos ondulados, sendo por vezes fortemente ondulados. Estes pormenores técnicos e as diferentes composições concorrem para a diversidade decorativa.

Registaram-se sete tipos decorativos básicos, todos eles feitos antes da cozedura (Quadro 6).

- Com uma matriz tipo pente executou-se a maior parte dos motivos, tendo sido utilizadas 3 técnicas:

- a primeira em que o pente deslizando na horizontal, na vertical ou na diagonal da superfície cerâmica imprimiu motivos lineares ou ondulados em banda, designada em geral por “decoração penteada”;

- uma segunda técnica em que o pente com maior ou menor inclinação num primeiro momento deslizava alguns milímetros sobre a superfície cerâmica. De seguida esse movimento era travado, pressionava-se o pente um pouco mais e imprimia-se a extremidade dos dentes na pasta fresca, resultando os motivos num penteado segmentado, designada em geral por decoração “penteada arrastada”;
- a terceira técnica a pente, consistia em colocar o pente perpendicularmente à superfície cerâmica a decorar, imprimindo sucessivamente apenas a extremidade dos dentes do pente. Trata-se da decoração “pontilhada” relacionada com a cerâmica campaniforme.

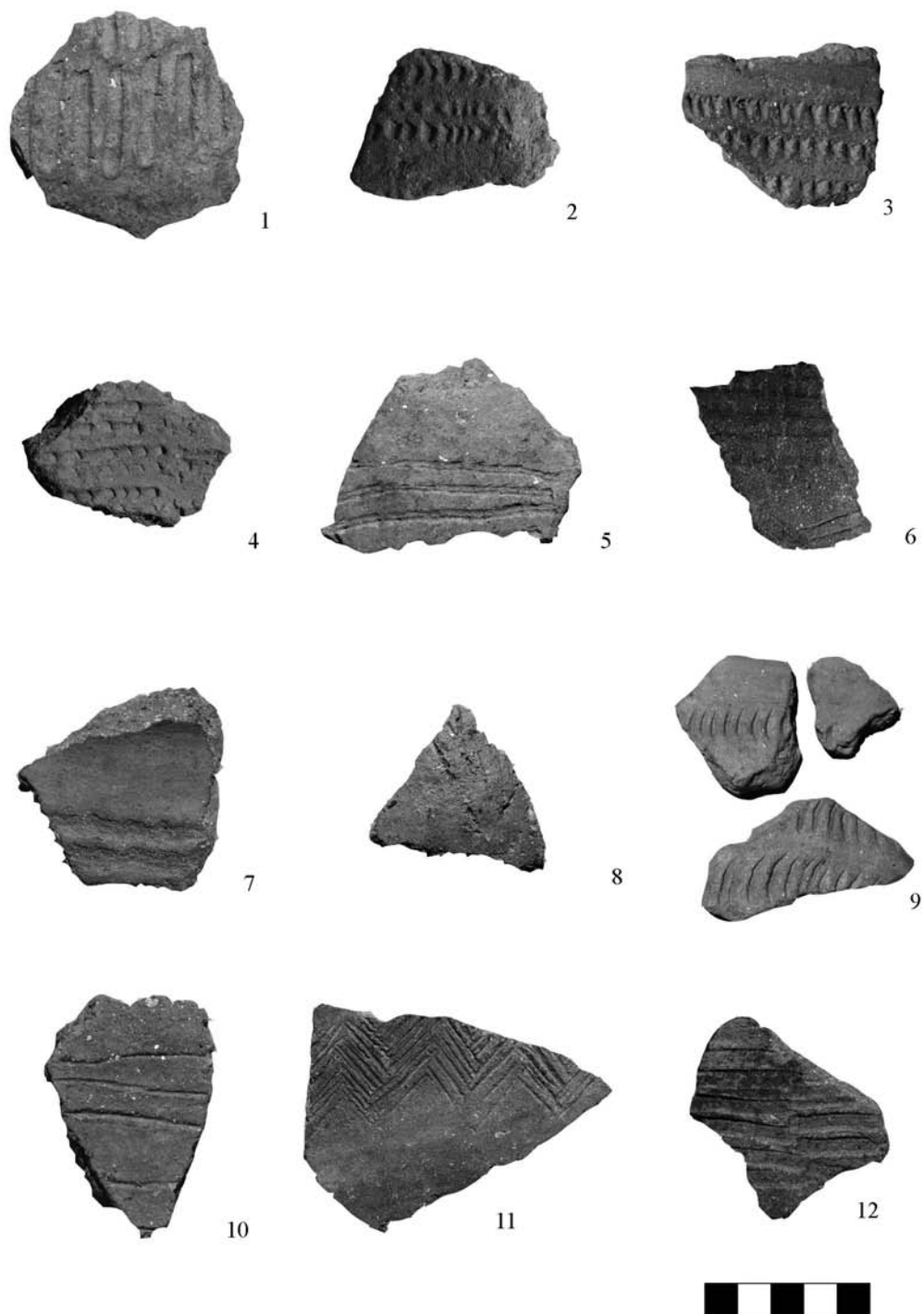
Quadro 6 – Ocorrência das técnicas decorativas

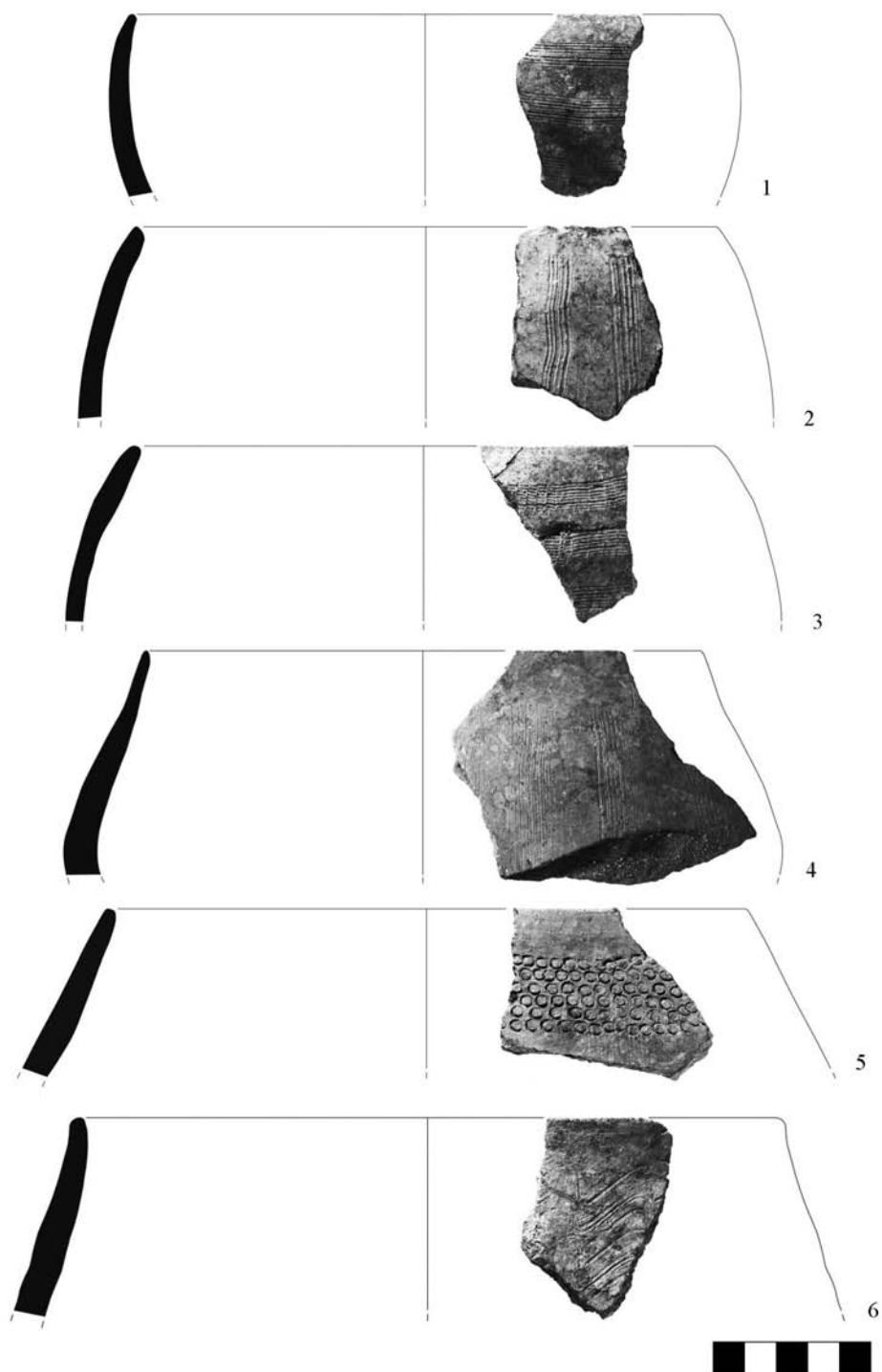
Distribuição dos tipos de técnicas decorativas por vaso			
Matriz a pente	Penteado linear e ondulado	3713 (94.8 %)	96 %
	PLO + associações	53 (1.4 %)	
	Penteado arrastado	60 (1.5 %)	
	Penteado pontilhado campaniforme	2 (0.5 %)	
Outras matrizes		29 (0.7 %)	
Punção simples		58 (1.4 %)	
Impressão espatulada brunida		35 (0.8 %)	
Impressão canelada		32 (0.7 %)	
Incisão		54 (1.3 %)	
Decoração plástica		12 (0.3 %)	

A técnica impressa “penteada simples” predomina e foi executada em 96 % da totalidade dos vasos decorados, sendo que em 53 casos (1.2 %) está associada a outras técnicas decorativas no mesmo vaso. Apenas com a técnica “penteada simples” foram decorados 94.8 % dos vasos. Os motivos mais frequentes são bandas horizontais únicas ou sucessivas de “penteado linear” ou “penteado ondulado” dispostos preferencialmente abaixo do bordo e na parte superior do corpo dos vasos (Est. 3.1, 2, 4, 6; 4.1-5, 7).

Com a segunda técnica, a do “penteado arrastado”, foram decorados 60 vasos (1.5 %). Os motivos da decoração nesta técnica são mais simples. A diversidade caracteriza-se pela diferença da largura dos diferentes segmentos decorativos, da espessura dos dentes dos pentes utilizados, da inclinação dos pentes e do grau de secagem da pasta no momento da execução decorativa. Estes motivos são lineares, quase sempre horizontais, em banda única ou bandas sucessivas, e tal como os anteriores, foram feitos preferencialmente no terço superior dos vasos (Est. 3.3).

A terceira técnica elaborada com o pente, a “pontilhada” relacionada com a cerâmica campaniforme”, ocorre em dois fragmentos, que poderão muito bem pertencer ao mesmo





Est. 3 – Cerâmica penteada e outras decorações associadas de Castanheiro do Vento (Escala 1:2).

vaso (0.05 %), representando o “estilo internacional” abaixo do bordo, no colo e no bojo de uma forma pequena que poderá ser uma caçoila (Est. 5.1).

- O segundo tipo decorativo ornamenta as superfícies exteriores de 28 vasos (0.7 %) e diz respeito às restantes decorações impressas feitas com matrizes diferentes das do pente. Os motivos são tão diversificados quanto as matrizes utilizadas e resultam em bandas horizontais únicas ou sucessivas de impressões de quadrados em relevo, triângulos, círculos, ovais, elipses, semi- círculos, semi-elipses simples ou duplas (Est. 2.2, 3, 6).

- O terceiro tipo decorativo congrega decorações diversas feitas com punções simples, na sua maioria de ponta romba, e foi registado em 59 vasos (1.4 %). Os motivos impressos em bandas horizontais, colocados sobretudo abaixo e ao longo do bordo dos vasos, são muito diversos e repetem pontos, elipses e semi-elipses de orientações diferentes (verticais, horizontais, diagonais), círculos e semi-círculos de diâmetros diferentes, impressões unguladas e impressões de forma ungulada, feitas com a ponta aguçada de um punção, assim como impressões lineares arrastadas preenchidas por um pontilhado irregular. Esta última designada por “boquique” (Est. 2.4, 9; 3.5; 4.6).

- O quarto tipo decorativo executado com a técnica “espatulada brunida”, consiste em imprimir linhas com uma espátula ou outro objecto rijo de superfícies muito polidas (pode ter sido um seixo fluvial) quando atingido um grau de secagem da pasta considerável, e por conseguinte uma maior dureza das superfícies a decorar. Esta decoração só se registou isolada em 2 dos 35 casos (0.8 %) e está quase sempre associada à decoração “penteada simples” (Est. 4.5). Os motivos mais frequentes são grupos de impressões horizontais, verticais, diagonais ou em zigue-zague.

- O quinto tipo decorativo relaciona-se com a técnica da “impressão canelada”, apenas com 32 vasos decorados (0.7 %). Os motivos são igualmente geométricos simples e compostos por bandas de linhas horizontais ou verticais, contínuas ou descontínuas, bandas de linhas diagonais ou em zigue-zague e bandas de motivos rectilíneos ou axadrezados, tendo sido combinados ou não com outras técnicas e motivos decorativos (Est. 2.1, 3, 7).

- O sexto tipo decorativo diz respeito à técnica incisa, presente em 52 vasos (1.3 %). Apresenta um maior número de motivos que o das duas técnicas decorativas anteriores e tanto inclui motivos geométricos simples como complexos – bandas de linhas horizontais, verticais e diagonais, em zigue-zague, reticulados, triângulos incisos preenchidos igualmente por linhas incisas, e linhas verticais colocadas irregularmente ou desencontradas entre si (Est. 2.11).

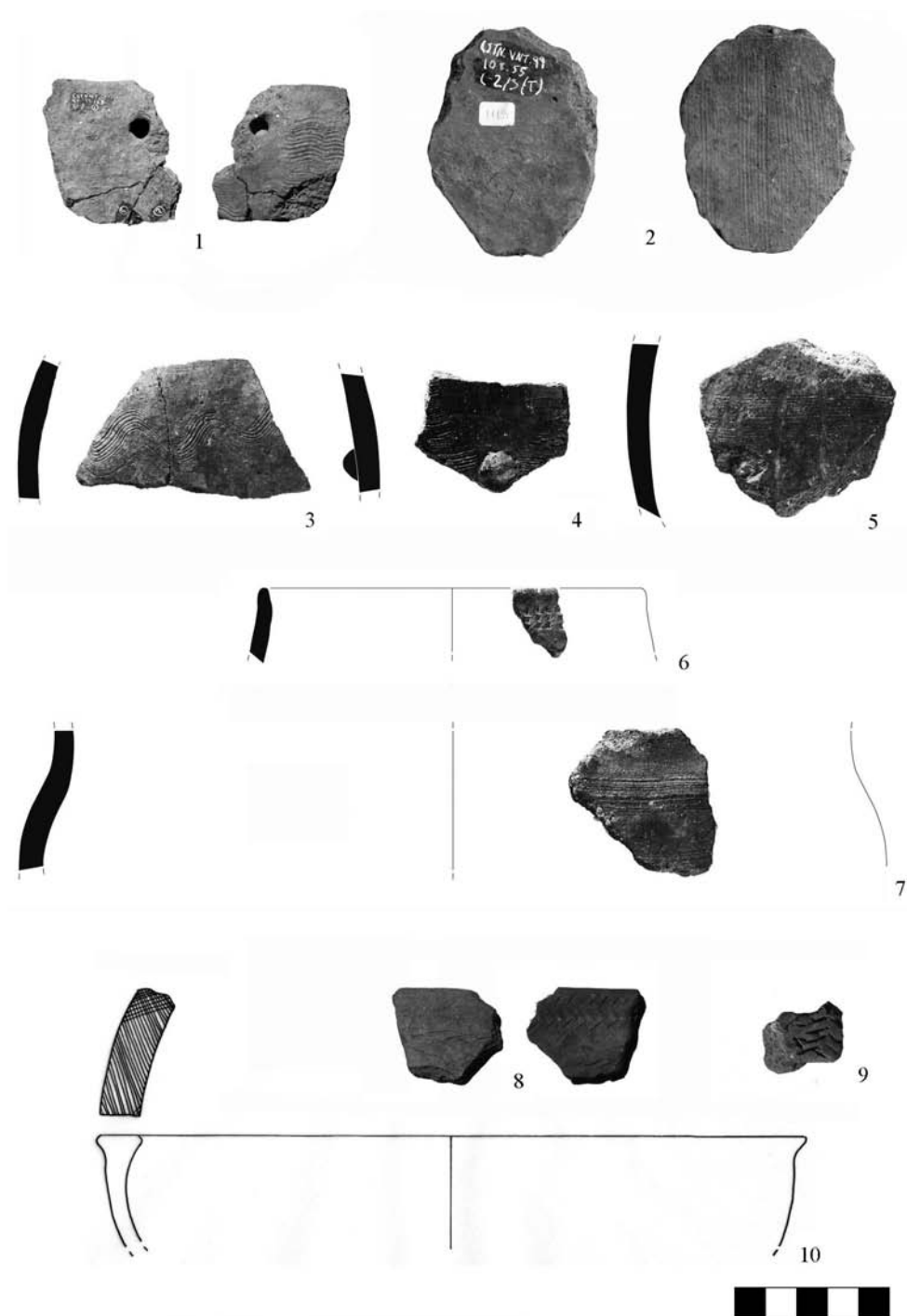
• O sétimo tipo decorativo revela por fim a presença vestigial (0.3 %) da decoração plástica em forma de pequenas protuberâncias ou mamilos acentuados, estando 4 dos 12 exemplares associados à decoração “penteada simples”. Os outros 5 casos pertencem a pequenos mamilos designados na terminologia da Meseta Norte em Espanha de “pastillas repujadas”¹. Esta variante peculiar da decoração plástica é comum na Meseta Norte em Espanha e coeva das cerâmicas penteadas. A sua contemporaneidade é verificável em vasos de Castanheiro do Vento, em que esta decoração plástica se associa à cerâmica “penteada simples”.

Descrição mais detalhada de algumas cerâmicas

Uma parte da cerâmica abordada no capítulo anterior de uma forma geral, terá de ser analisada de uma forma mais circunstanciada, devido a algumas das suas características não serem visíveis dessa forma, tanto mais por se tratar de exemplares com significado específico.

Para além de dois vasos com colo, são em geral cerâmicas de morfologia esférica ou semi-esférica abertas e/ou fechadas, muito fragmentadas, cujas formas não puderam ser melhor classificadas. Todavia têm características que as individualizam das cerâmicas penteadas. As pastas são mais grosseiras, e diferenciam-se pelo tamanho médio e número elevado de elementos não plásticos em quartzo e quartzito, que conferem à pasta um aspecto arenoso, e pela maior quantidade de palhetas de moscovite distribuídas irregularmente. Por vezes as superfícies, mesmo quando as paredes estão bem regularizadas, foram polidas com um instrumento duro espatulado (ou mesmo um seixo de rio rolado), que confinou às superfícies um aspecto espatulado e irregular. A sua espessura oscila entre os 7 e os 9 mm e nalguns casos poderá dizer-se que se trataram de vasos sensivelmente espessos. A decoração é bem diversificada em termos de técnicas e motivos, sendo o elemento que mais as distingue entre si, correspondendo às decorações menos frequentes descritas acima, com uma ocorrência maioritária singular, excepcionalmente até seis ocorrências:

¹ O termo espanhol “pastillas repujadas” significa uma decoração plástica em forma de pequenos mamilos formados por pressionamento. Como a expressão indica estes mamilos não foram nem aplicados às paredes exteriores dos vasos, nem formados por repuxamento a partir da pasta dos vasos, execuções mais comuns, mas antes executados por pressão da pasta fresca a partir da superfície interna para a externa, com o auxílio de um punção cilíndrico oco, que poderia ter sido um segmento de caule de herbáceas. As marcas deixadas por esta técnica foram posteriormente apagadas na superfície interna dos vasos por alisamento e/ou polimento, podendo ser melhor observadas na zona de fractura dos fragmentos cerâmicos através dos pequenos “canais” deixados pelo punção. “Repujar” em espanhol significa em português lavar, cinzelar, gravar com um percutor e neste caso gravar por pressão e pode ser facilmente associada à expressão portuguesa “repuxar”, que significa precisamente o contrário. Daí a minha descrição mais acurada desta técnica decorativa.



Est. 4 – Cerâmicas impressas e incisas dos terceiro e segundo milênios a. C.
de Castanheiro do Vento (Escala 1:2).

- motivo de incisões lineares dispostas na horizontal;
- motivos incisos de linhas diagonais, limitadas por linhas horizontais;
- motivos incisos de linhas quebradas dispostos na horizontal ou na vertical (Est. 2.11);
- motivo de triângulos incisos preenchidos por linhas incisas (Est. 2.8);
- motivos de uma a duas fiadas horizontais e paralelas de pequenos entalhes incisos verticais ou diagonais;
- motivo inciso de duas fiadas de segmentos verticais desencontrados, separados grosso modo por uma incisão horizontal na base da fiada superior;
- motivos impressos formados por pequenos círculos, pontos, ovais, elipses, semi-elipses ou entalhes triangulares laterais dispostos na horizontal em fiadas únicas ou em banda (Est. 4.6);
- motivos impressos formados por fiadas de pontos, limitadas por linha incisa;
- motivos impressos de fiadas horizontais de ungulações, e outras afins, feitas com a ponta aguçada de um punção simples (Est. 2.9);
- motivos de faixas horizontais, paralelas formadas por segmentos canelados verticais (Est. 2.1);
- motivos impressos de fiadas horizontais de pequenos triângulos dispostos na lateral (Est. 2.2);
- motivo de duas ou mais fiadas horizontais de pequenos triângulos impressos colocados na vertical (Est. 2.3);
- motivos impressos de fiadas horizontais de segmentos verticais com ca. de um cm de altura, cujo interior tem uma textura ponteadada irregular;
- motivos de fiadas horizontais sucessivas de impressões semelhantes às do pontilhado campaniforme, embora maiores e/ou mais grosseiras, por vezes limitadas por uma banda de linhas quebradas (Est. 2.6);
- motivo de impressão ponteadada, linear, vertical, ladeada em cima e à esquerda por impressões semelhantes às do pontilhado campaniforme, embora maiores e mais grosseiras, feitas com as extremidades dos dentes de um pente premido na vertical;
- motivo de canelura horizontal única colocada abaixo do bordo, por vezes combinada com outros motivos (Est. 2.3);
- motivo de caneluras horizontais com espessuras e espaçamentos entre si irregulares;
- motivo de caneluras horizontais, paralelas de contorno irregular e textura áspera, como se tivesse sido retirada a parte superior da superfície cerâmica, preenchidas por uma sucessão de pequenas impressões redondas mal visíveis (Est. 2.7);
- motivo de impressões lineares, horizontais, paralelas, interrompidas e desencontradas entre si (Est. 2.12);
- motivos de impressões lineares, horizontais, paralelas, com espaçamentos irregulares entre si (Est. 2.10);

- motivos de faixas horizontais de “penteado arrastado” executado com pouco cuidado;
- motivos de linhas diagonais, impressas e sobrepostas, formando um reticulado;
- uma a duas fiadas horizontais de impressões em forma de grão de trigo dispostas obliquamente;
- motivo composto por faixa horizontal de pequenas impressões em forma de S e abaixo banda de linhas quebradas incisais, separada da anterior por faixa lisa;
- motivo de duas faixas horizontais paralelas, constituídas por duas linhas horizontais executadas com a técnica do penteado arrastado, neste caso com um punção simples de ponta estriada, que ladeiam em cima e em baixo outras duas linhas horizontais de pequenas impressões irregulares em forma de grão de trigo, por vezes quase traçando uma linha descontínua;
- motivo de linhas horizontais, irregulares e paralelas, executadas à maneira da técnica de “boquique” (Est. 2.4);
- motivo de linhas horizontais, ligeiramente radiais, de penteado arrastado, feitas com punção simples de ponta estriada, interrompidas espaçadamente por pequenos pontos impressos, lembrando vagamente a técnica de “punto y raia” ou “boquique” (Est. 2.5);
- motivo de linhas horizontais feitas com punção simples de ponta estriada, interrompidas espaçadamente por impressões de pequenas setas dispostas na lateral;
- mamilo oblongo, posicionado na horizontal a cerca de 3 cm abaixo do bordo.

Cronologia e inserção cultural no Norte e Centro interior de Portugal

Onde aparece este tipo de material? Nos estratos 1 a 4 do sítio, com maior concentração na camada 3, tanto no interior das estruturas semi-circulares designadas por “bastiões”, como fora e ainda em cima dos escombros destas construções, nas áreas entre estas estruturas e os muros concêntricos do recinto principal e do secundário e nas estruturas circulares designadas por “bacias”, ou seja por toda a área escavada até agora.

Mas fará todo este tipo de materiais parte de um mesmo momento de utilização? De acordo com a distribuição dos diferentes tipos formais e decorativos pelas camadas, quase se diria que sim. A cerâmica do terceiro milénio, sobretudo a de maior ocorrência elaborada com a técnica do “penteado simples”, domina em termos quantitativos em qualquer das camadas arqueológicas de Castanheiro do Vento. Todavia há outros factores a considerar, que se abordam de seguida.

A nível da preservação da cerâmica nota-se uma corossão maior das superfícies e arestas dos fragmentos provindo das camadas 1 e 2 relativamente aos restantes estratos. Por outro lado o nível de fragmentação dos recipientes é generalizado. Inclusive há fragmentos das camadas 1, 2, 3 e subjacentes que pertencem ao mesmo recipiente, colando ou não entre si. O mesmo acontece ao nível do material da camada 3 no interior e exterior das estruturas mencionadas. Contudo os vasos com um maior número de colagens e uma maior parte preservada são oriundos da camada 3, sobretudo da área basal no interior de estruturas. Estes dados revelam uma movimentação vertical da cerâmica da camada 3 para as superiores, bem como a sua dispersão no interior da camada 3, possivelmente resultante das actividades de utilização e de reutilização, em parte relacionadas com construções e/ou reconstruções arquitectónicas, assim como outras manipulações posteriores de carácter múltiplo. Ou seja o processo de alteração contextual e estratigráfica começou desde o início da utilização do sítio e prolongou-se até aos nossos dias, incluindo a causada durante os trabalhos de escavação arqueológica.

O material descrito no capítulo anterior é pouco frequente e diferencia-se da cerâmica penteada e das restantes cerâmicas associadas, embora em termos estratigráficos não se possa dissociar desta, pelo facto de todas as camadas de Castanheiro do Vento terem uma predominância de ocorrência de cerâmica penteada. Contudo a cerâmica descrita no capítulo anterior provem da camada 3 e 3b, maioritariamente de estruturas semi-circulares escavadas até à base ou muito próximo dela (A, B, C, D, E, F). Nas estruturas semi-circulares B e C esta cerâmica provem da camada 3b, localizada no interior dessas estruturas. Essa camada prolonga-se por debaixo das estruturas semi-circulares, antepondo-as estratigraficamente, enquanto que a camada 3 parece terminar na base das estruturas B e C (J. Cardoso, 2008, p. 486, 487). A camada 4 tem sido assinalada como o estrato de nivelamento das estruturas arquitectónicas de Castanheiro do Vento (J. Cardoso, 2008, p. 486-490). Como foi referido anteriormente a camada 3 poderá estar relacionada com a construção monumental e marcar o início da utilização das estruturas arquitectónicas, constituindo o estrato de maior concentração de materiais. É provavelmente também a camada de proveniência da cerâmica penteada, entretanto dissipada por todos os outros estratos.

Por conseguinte parece haver uma diferenciação estratigráfica entre a camada 3 e 3b, que a nível do material de certa forma também se distingue. A maioria da cerâmica descrita no capítulo anterior (mais de 53 %) provem da camada 3b nas áreas onde assentam as estruturas semi-circulares B, C e F. O restante material encontrou-se na camada 3 relacionado com as estruturas A-F, I, J, 6 e 9. Há portanto uma coexistência de materiais entre as duas camadas, que a cronologia relativa e absoluta ainda não permitem diferenciar (Quadros 11 e 12).

A cerâmica descrita no capítulo anterior encontra a sua melhor expressão entre o espólio de outros sítios no norte interior de Portugal, tais como Barrocal Alto, Cunho

(M. J. Sanches, 1992, p. 86-137) e Buraco da Pala II (M. J. Sanches, 1997, p. 108-113, Ests. 36-50) em Trás-os-Montes oriental, Barrocal Tenreiro e Quinta da Torrinha II, no Baixo Côa (A. Carvalho, 2003, p. 243-261) e Castro de Santiago, assim como a primeira ocupação de Malhadas, na Beira Interior (A. Valera, 2008, p. 91, 115-121, 143-149, 184-194, 197-203, 206-210). Alguns desses sítios são datados em termos absolutos no primeiro até ao segundo quartel do terceiro milénio a. C. (Quadro 7), cujos valores também se encontram entre as datações de radiocarbono de Castanheiro do Vento (Quadro 10 e 11).

**Quadro 7 – Datas absolutas de sítios coevos
a Castanheiro do Vento no norte interior de Portugal I**

Datas absolutas de sítios coevos a Castanheiro do Vento				
Número de Laboratório	Valores da data em BP	Data calibrada BC 2 σ	Estrutura	Local de recolha da amostra
ICEN-308	4400±50	3295-2926	Lareira 4	Buraco da Pala, nível II
CSIC-867	4170±55	2895-2602	Lareira 9	Buraco da Pala, nível II
CEN-594	4120±70	2881-2512	Lareira 6	Buraco da Pala, nível II
GrN-19102	4130±40	2871-2595	Silo 1	Buraco da Pala, nível II
CSIC-826	4090±45	2862-2515	Lareira 11	Buraco da Pala, nível II
CEN-419	4020±45	2848-2471	Silo 1	Buraco da Pala, nível II
CSIC-825	4000±60	2848-2371	Lareira 7	Buraco da Pala, nível II
GrN-19103	4025±25	2830-2498	Lareira 4	Buraco da Pala, nível II
Sac-1454	4030±80	2871-2325	Sector B, US 7	Malhadas, 1.ª ocupação
GrN-8402	4140±40	2865-2601	Sepultura	Vale da Cerva
Beta 137942	4010±40	2827-2461	Lareira	Barrocal Tenreiro
Datas retiradas de M. J. Sanches, 1997, 108; D. J. Cruz, 1998, 152; A. Carvalho, 2003, 267; A. Valera, 2007, 162, 163				

Da cerâmica descrita no capítulo anterior assinala-se a presença vestigial de uma cerâmica decorada com motivos impressos de faixas horizontais formadas por segmentos canelados verticais (Est. 2.1), de triângulos dispostos na lateral (Est. 2.2) e de triângulos impressos dispostos na vertical encimados por uma canelura (Est. 2.3). Embora aqui apareçam em contextos do terceiro milénio, poderão ser anteriores, porquanto esse género de materiais são significativos em contextos de outros sítios, tais como nas Quebradas e na Quinta da Torrinha I, no Baixo Côa (A. Carvalho, 2003, p. 243-261) e no Buraco da Pala IV (M. J. Sanches, 1992, p. 145, Quadro 48, Est. 55-58), com datações absolutas da primeira metade do quinto milénio a. C.

De que período poderá ser datada a maioria da cerâmica caracterizada neste trabalho, ou seja a cerâmica penteada e afins? Através do estágio actual das datas absolutas de Castanheiro do Vento (e também do sítio vizinho e coevo de Castelo Velho) há um período de cerca 1500 anos, em que se desenvolveram, entre outras, actividades de construção e de reconstrução, sem que os dados da cronologia relativa e absoluta permitam fazer diferenciações cronológicas mais finas. Contudo a camada 3 e pelo menos o início/grande parte da construção arquitectónica de Castanheiro do Vento parece estar relacionada com a presença da cerâmica penteada e afins.

Analisando esta situação a nível do Norte e Centro Interior de Portugal depara-se com alguns sítios com contextos materiais e datações absolutas similares. Estes correspondem à segunda ocupação do Castelo de Vila Pouca de Aguiar e à segunda ocupação do sector III da Pastoria (ambos em Trás-os-Montes ocidental) ao nível I do Buraco da Pala (no Planalto Mirandês), à segunda ocupação de Castelo Velho de Freixo de Numão e ao Castelo de Algodres (ambos em Vila Nova de Foz Côa, no Alto Douro), assim como à ocupação da Quinta da Assentada (Fornos de Algodres, Beira Interior) (S. Jorge, 1986, Vol. I, p. 415-523, 579-607, Vol. II, p. 421-475, Figs. 1-16, p. 585-591, Figs. 1-4; 1993, p. 179-221; 1998, p. 279-293; M. J. Sanches, 1997, Vol. I, p. 123-137, Ests. 20-36, Vol. II, p. 132-139, Qd. 45.1-45.8; A. Carvalho, 2003, 261-265; A. Valera, 2007, 297-332).

Apesar de haver muitos outros sítios no Norte e Centro Interior de Portugal, sensivelmente com o mesmo tipo de cerâmicas de Castanheiro do Vento, mencionam-se apenas a ocupação dos sítios em que a cerâmica penteada atingiu a maior ocorrência (Quadro 8). Neste quadro inclui-se quase toda a cerâmica penteada estudada de Castelo Velho e Castanheiro do Vento, enquanto que a dos outros sítios apenas se reporta ao estrato onde a sua ocorrência é mais elevada.

Não obstante as diferenças metodológicas na recolha destes dados a cerâmica penteada é mais numerosa em Castelo Velho e Castanheiro do Vento face aos restantes sítios mencionados, em parte pela maior dimensão destes sítios. Contudo a área ocupada pelo abrigo do Buraco da Pala é bem menor, não deixando a cerâmica penteada de ser aí em termos numéricos a mais representada. Resumindo a diferença quantitativa da cerâmica penteada em Castanheiro do Vento, Buraco da Pala I e Castelo Velho, é bem maior, relativa aos outros sítios mencionados, sugerindo a ideia que este género cerâmico teria sido mais frequente no Alto Douro, tanto a norte como a sul do rio Douro, relativamente a outras áreas geográficas onde esta também se encontra. De acordo com a pesquisa de António Valera parece a região do Alto Douro ter também a maior densidade de sítios com cerâmica penteada (A. Valera, 2007, p. 612, Fig. 11.10). Pelo que o resultado da sua investigação complementa o resultado da minha análise.

Quadro 8 – Sítios do terceiro milénio com forte ocorrência de cerâmica penteada no norte e centro interior de Portugal

Sítios com cerâmica penteada		Frequências absolutas (frags.)		Frequências percentuais	
Castanheiro do Vento		3713*	3766**	94.8 %	96 %
Castelo Velho, recinto interior, cam. 2-3		4144*		69.8 %	
Castelo de Algodres		8		93 %	
V.P.Aguiar, 2º. ocupação		194		72.6 %	
Pastoria, Local 3, 2º ocupação	camada 3	26		44 %	
	camada 2	59		34.5 %	
Buraco da Pala, nível I		1475*	1532**	78.6 %	81.6 %
Quinta da Assentada		15		65.2 %	
Nota explicativa: * só penteados lineares e ondulados, sem incluir penteados arrastados; ** penteados lineares e ondulados associados a outras técnicas.					

Em termos de datas absolutas, as balizas cronológicas dos sítios, cujos resultados podem ser utilizados, à partida parecem não introduzir maior precisão cronológica à obtida em Castanheiro do Vento (Quadro 9). No entanto salienta-se, que os valores das datas absolutas de Buraco da Pala I, com um menor período de utilização, pouco mais vão para além de meados do terceiro milénio a. C. Possivelmente o período de maior produção/utilização de cerâmica penteada e afins poderá ter sido o segundo quartel do terceiro milénio a. C.

Quadro 9 – Datas absolutas de sítios coevos a Castanheiro do Vento no norte interior de Portugal II

Datas absolutas de sítios coevos a Castanheiro do Vento				
Número de Laboratório	Valores da data em BP	Data calibrada BC 2σ	Estrutura	Local de recolha da amostra
ICEN-310	4120±80	2887-2503	Silo 9	Buraco da Pala, nível I
ICEN-311	4120±50	2871-2532	Silo 9	Buraco da Pala, nível I
GrN-19101	3955±25	2563-2456	Silo 11	Buraco da Pala, nível I
Sac-1518	4130±80	2885-2493	-	Castelo Velho, camada 3
ICEN-785	4110±60	2877-2495	-	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1706	4073±45	2861-2473	-	Castelo Velho, camada 3
Ua-17647	3945±75	2829-2201	-	Castelo Velho, camada 3
Ua-17648	3850±75	2551-2043	-	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1655	3917±34	2471-2293	-	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1333	3650±28	2135-1925	-	Castelo Velho, camada 3
retirado de Sanches, 1997, vol. 1, 108; S. Jorge, A. Rubinos, 2002				
Datas de Vila Pouca de Aguiar, Quinta da Assentada, ICEN-933 de Buraco da Pala I, restantes da cam. 3 de Castelo Velho não puderam ser consideradas, por apresentarem intervalos muito elevados				

Cerâmica da segunda metade do terceiro milénio e da primeira metade do segundo milénio a. C.

Caracterização da tecnologia, da morfologia e da decoração

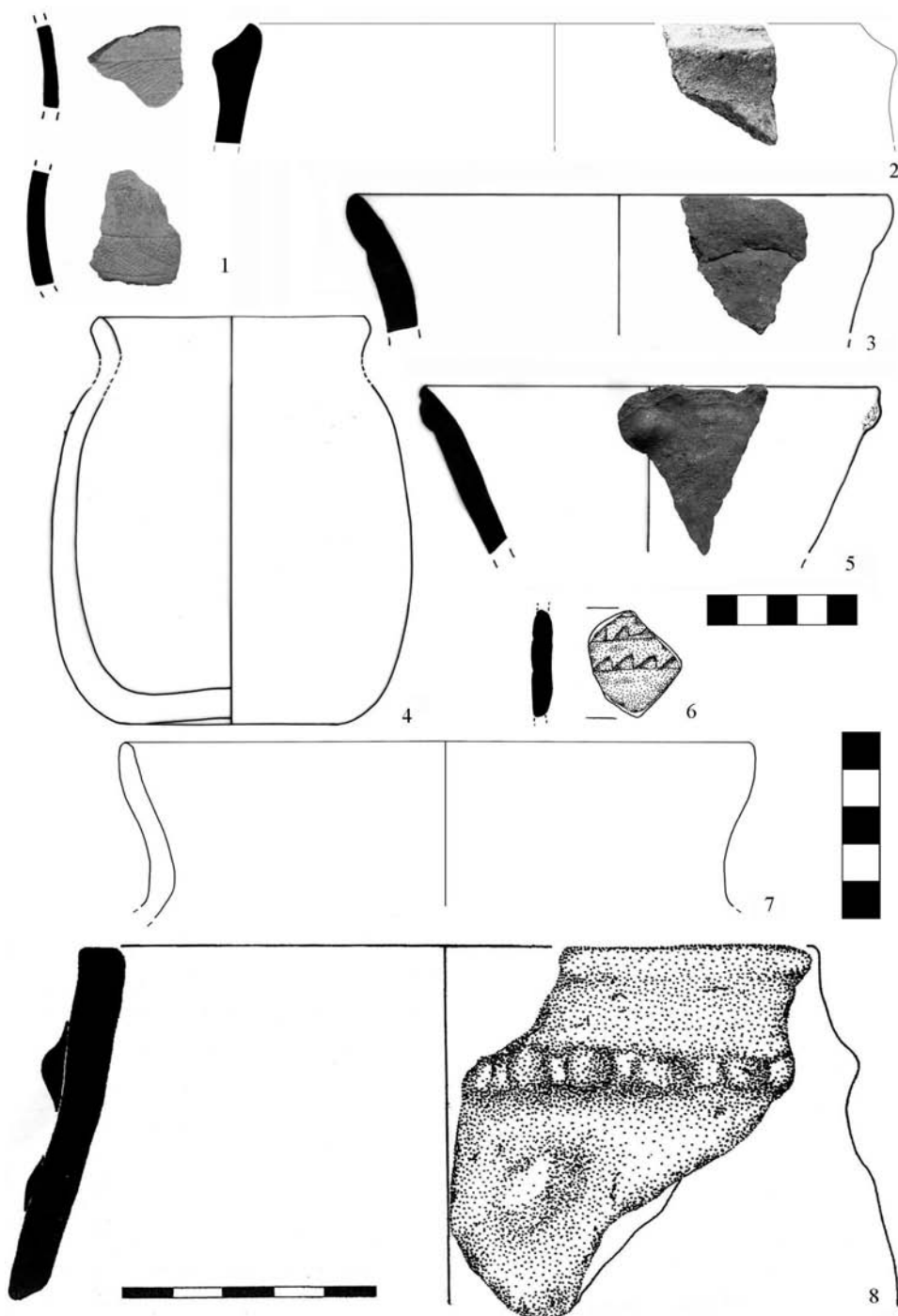
A par da cerâmica que acabamos de analisar, individualizou-se ainda outro tipo de cerâmicas, menos abundante e de características diversificadas, facto que dificulta a sua abordagem conjunta. Assim irá fazer-se por um lado uma caracterização agrupada de cerâmicas com características comuns e em outros casos uma descrição individual de vasos.

Alguns vasos têm a particularidade de terem sido feitos com pastas extremamente depuradas, com abundantes e finas partículas de mica, frequentemente mais duras que as anteriormente descritas, possivelmente por terem sido cozidas a temperaturas mais elevadas. As suas superfícies, quando conservadas, revelam-se menos regularizadas e polidas e as espessuras delgadas, em geral entre os 5 e os 7 mm. A morfologia e decoração são tendencialmente singelas. Entre os exemplares mais expressivos a nível morfológico e decorativo conta-se com:

- um vaso de colo baixo extrovertido, corpo oval, de fundo plano e largo (7 cm Ø), com 9 cm de diâmetro do bordo, 12 cm de largura máxima e 11 cm de altura, exumado entre o empedrado da parte inferior da camada 2 acima da estrutura semi-circular D. Este vaso poderá ter tido um mamilo, ou outro tipo de decoração plástica, na parte superior do bojo, de que apenas se conhece o arranque (Est. 5.4);
- um vaso com colo extrovertido, com o bordo de 15 cm de diâmetro, decorado com um pequeno mamilo redondo aplicado abaixo do bordo proveniente da camada 2/3 da estrutura semi-circular E (Est. 5.5);
- um vaso fechado, sem colo, com parte superior do bojo arqueada e inclinada para o interior e com um cordão horizontal simples abaixo do bordo, encontrado na camada 3 da estrutura 6 (Est. 5.2);
- uma taça hemisférica funda com o lábio interno biselado e o externo levemente canelado, como resultado da modelação final do bordo, de 9 cm de diâmetro do bordo e ca. 4,5 cm de altura, encontrada no topo da camada 3 da estrutura semi-circular J.

Outro tipo de cerâmica de pastas grosseiras, friáveis com abundantes elementos não plásticos de grandes dimensões, de paredes em geral espessas (8-10 mm) e superfícies mal regularizadas, frequentemente somente alisadas e com menos frequência polidas, com formas e decorações elaboradas, contam em Castanheiro do Vento com exemplares simples, tais como:

- vasos com colo extrovertido de diâmetros preferencialmente grandes, entre os 28 e os 35 cm (Est. 5.7);



Est. 5 – Cerâmicas impressas e com decoração plástica dos terceiro e segundo milénios a. C. de Castanheiro do Vento (6: escala 1/4, 7: escala 1:3, todas as outras escala 1:2).

- vasos com colo extrovertido de perfil acentuado, de diâmetros entre os 18-25 cm e lisos, por vezes com o lábio interno e externo com uma canelura leve ao longo da abertura do vaso, como resultado da modelação final do bordo (Est. 5.3);
- vasos fechados, sem colo com a parte superior do bojo plana ou ligeiramente reenfrante e inclinada para o interior, possivelmente de vasos bicónicos de dimensões médias e grandes, decorados com duas fiadas de mamilos ou cordões horizontais dedilhados na parte superior (Est. 5.8);
- vaso de forma carenada;
- 21 fragmentos de 16 vasos de fundo plano simples, 3 fragmentos de 2 vasos com indício de pé e um fragmento de vaso com o fundo levemente omphalado, assim como
- 5 fragmentos de asas de rolo e de banda.

De um período um pouco posterior conta-se ainda com alguns exemplares de cerâmica cogeces e outras que poderão estar-lhe associadas. Trata-se na maioria de cerâmicas que poderão não ser locais, devido a terem pastas depuradas e diferentes, ao tratamento cuidado das superfícies polidas, à pouca espessura das paredes e às pequenas dimensões das suas formas, que permite classificá-las como cerâmicas finas. A par da cerâmica cogeces e associadas ocorrem ainda cerâmicas de pastas e aspecto geral menos cuidado. O último exemplo referido neste parágrafo trata-se de uma cerâmica grosseira, cuja decoração lembra os motivos de linhas quebradas e retículas e a execução descuidada, que por vezes ocorre na cerâmica cogeces (Est. 4.9). Pelo que este poderia representar uma imitação local de uma decoração exógena. Do mesmo período referem-se ainda as cerâmicas seguintes:

- taças hemisféricas fundas com o lado interno do bordo biselado, com diâmetros de 16 a 20 cm e fragmentos de vasos incaracterísticos decorados na face externa e por vezes em ambas as superfícies com os característicos motivos cogeces, provenientes sobretudo da camada 2 (Est. 4.8);
- um vaso com colo e parte superior do bojo arqueado, com 16 cm de diâmetro na base do colo e decorado com duas faixas horizontais e paralelas entre si, cada uma delas constituída por quatro linhas impresas descontínuas paralelas, proveniente da camada 3 da estrutura circular 12;
- uma taça hemisférica de lábio espessado e aplanado, com um perfil semelhante à taça campaniforme tipo “Palmela”, de 20 cm de diâmetro, apenas decorada na zona do lábio com motivos incisos alternando segmentos axadrezados com linha diagonais (Est. 4.10);
- um vaso incaracterístico decorado com uma faixa horizontal constituída por linhas impresas descontínuas e paralelas, seguido do início de outra faixa com um motivo inciso em xadrez e proveniente da camada 3 da estrutura circular K;

– e um vaso incaracterístico decorado com linhas quebradas incisas, dispostas na horizontal (Est. 4.9).

Por fim refere-se ainda o fragmento um de vaso de morfologia incaracterística com decoração excisa, proveniente da camada 3 nas proximidades da estrutura semi-circular A, que não pude analisar directamente (Est. 5.6)².

Cronologia e inserção cultural no Norte e Centro interior de Portugal e Meseta Norte, Espanha

O primeiro género de cerâmicas referido no capítulo anterior provém do topo da camada 3 e da camada de transição 2/3 ou parte inferior da camada 2. Um desses vasos tem 11 fragmentos coláveis entre si e grande parte do perfil reconstituível, sugerindo por isso não ter sido muito deslocado do último local onde fora colocado, na base de uma estrutura de lajes na parte inferior da camada 2, que cobria parcialmente o interior da estrutura semi-circular D.

Um conjunto cerâmico semelhante a estas cerâmicas de Castanheiro do Vento é datado em termos absolutos em meados do terceiro milénio a. C. provém do sítio da Carvalheira, no concelho do Sabugal (E. Robalo, M. Osório, 2006). Alguns vasos apresentam detalhes de perfil e decorações plásticas simples, comparáveis com os de Castanheiro do Vento.

O segundo género de cerâmicas referido no capítulo anterior foram sobretudo recolhidas no topo da camada 3, nas camadas 2 e 1 e menos frequentemente no interior das/ e entre as estruturas do segundo e terceiro quartéis do terceiro milénio a. C. (Quadro 10). Elas estão mal representadas entre o material das campanhas de escavação estudadas por mim, mas abundantes e de características mais acentuadas entre o material da campanha de 2009, sobretudo na camada 2.

Quadro 10 – Frequência das cerâmicas da segunda metade do terceiro e segundo milénios a. C. em Castanheiro do Vento

Distribuição da cerâmica da segunda metade do terceiro e do segundo milénios a. C.					
Camada 1	Camada 2	Camada 2/3	Camada 3 (em parte no topo)	Camada 3b	Total de fragmentos/ vasos
25/23	135/127	13/12	85/67	1/1	259/230 1.6/1.5%

² O desenho de este e de outro vaso, reproduzido na Estampa 5.6 e 8 respectivamente, foram retirados de A. Vale, 2003, p. 80, Figura 8 e 173, Estampa 11.

Cerâmicas com características similares são comuns em inúmeros sítios da Meseta Norte, em Espanha, como em El Castillo (Ávila) (J. García, 1995, p. 193, Fig. 51), El Parpantique e Alto de la Cueva (Soria) (A. Jimeno et al., 1988, p. 94-118, Figs. 1-26), assim como em Castelo Velho de Freixo de Numão, no Alto Douro (A. Varela, 2001) e na Fraga da Pena em Fornos de Algodres (A. Valera, 2007, p. 234-240, Figs. 5.1, 5.2). Aí encontraram-se abundantes formas troncocónicas e carenadas, com decorações dedilhadas ou entalhes no lábio dos bordos, cordões horizontais dedilhados, assim como mamilos simples ou com depressão central localizados na parte superior dos vasos. Em Castelo Velho apareceram tanto na camada 2 como na 3, a par da cerâmica penteada, embora sejam na camada 2, em termos qualitativos e quantitativos, mais expressivas (J. Varela, 2001, Fig. 69).

Um das primeiras formas de carena baixa, troncocónicas, fundos omphalados – ou seja elementos característicos da olaria da segunda metade do terceiro milénio a. C. e início do segundo – foram documentadas no sítio de Malhadas, no concelho de Fornos de Algodres, entre meados e o terceiro quartel do terceiro milénio a. C. (A. Valera, 2007, p. 364, 368). Da mesma forma as cerâmicas da Meseta Norte do designado “horizonte de Parpantique”, assim apelidadas desde os anos 1980, apresentam datas absolutas entre 2500 e 1850 a. C., a par da cronologia da cerâmica tipo Ciempozuelos (G. Castro, J. Manzano, 2000, p. 104-107).

Estes dados, em conjunto com os obtidos no sítio de Carvalheira, no Sabugal, permitem por um lado datar este tipo de materiais um pouco antes do que inicialmente se pensava ser o “início da Idade do Bronze” no Norte e Centro interior de Portugal e na Meseta Norte – 23/2200-1700 a. C. (S. Jorge, 1999, p. 73; G. Castro, J. Manzano, 2000, p. 104). Por outro lado não permitem evidenciar se há diferenças cronológicas entre o singelo, mas expressivo conjunto contextualizado do sítio da Carvalheira, que corresponderia na Meseta Norte às cerâmicas das fossas de El Tomillar (J. García, 1995, p. 31-100, Figs. 7-36) e a característica olaria da segunda metade do terceiro e início do segundo milénios a. C., patente nos inúmeros sítios acima citados e em muitos outros locais desta vasta região. Esta é uma tarefa que terá de ser deixada para trabalhos posteriores.

As cerâmicas associadas à cerâmica cogeces encontram-se em contextos Proto-Cogotas na Meseta Norte em Espanha datáveis entre 1700 e 1500 a. C. (A. González, 2009, Vol. II.1, p. 71, 88, 91, Figs. 4 e 121). Um outro vaso com motivo decorativo inciso de Castanheiro do Vento lembra os motivos de linhas quebradas e axadrezadas mal executadas de ambientes Proto-Cogotas I, contudo a pasta grosseira não se compara com as cerâmicas cogeces de Castanheiro do Vento, não apenas porque estas poderão ter sido importadas, mas também porque se tratam de cerâmicas com dimensões diferentes. O exemplar ilustrado na Est. 4.9 teria pertencido a um vaso maior que as formas cogeces registadas até agora neste sítio.

Por fim refere ainda o fragmento de um de vaso de morfologia incaracterística com decoração excisa, proveniente da camada 3, nas proximidades da estrutura semi-circular

A e que não pude analisar directamente (Fig. 5.5). Este género cerâmico é significativo em contextos avançados da cerâmica Cogotas I, datável entre 1300 e 1200 a. C. (A. González, 2009, Vol. I, p. 130-135).

Conclusão

O sítio de Castanheiro do Vento foi utilizado durante um longo período de tempo, sobretudo no terceiro milénio e primeiro quartel do segundo milénio, embora apresentando cerâmicas datáveis do início do quinto ao final do segundo milénios a. C.

As datas absolutas existentes de contextos com cerâmica penteada da camada 3 recaem nos segundo e terceiro quartéis do terceiro milénio a. C. Enquanto cerâmicas de períodos posteriores encontraram-se sobretudo no topo da camada 3 e na camada 2. Datas de radiocarbono para o topo da camada 3 e na camada 2 são ainda raras e inconclusivas. Em aberto fica também como estariam relacionadas as estruturas do topo da camada 3 e parte inferior da camada 2 com as estruturas primárias da camada 3. A maior parte das estruturas de Castanheiro do Vento parecem ter sido construídas ao longo do terceiro milénio, embora mesmo dentro desse período as concepções arquitectónicas tenham sido modificadas. Desse longo período de tempo são conhecidas cerâmicas com características diferentes, que em termos cronológicos também ainda não se podem isolar completamente.

**Quadro 11 – Datas absolutas de Castanheiro do Vento
da zona basal das estruturas semi-circulares**

Datas absolutas de Castanheiro do Vento da zona basal das estruturas semi-circulares					
Nº. interno	Número de Laboratório	Valores da data em BP	Data calibrada BC 2 σ	Estrutura	Local de recolha da amostra
3.	Ua-20455	4145 $\pm$ 45	2877-2582	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
18.	Ua-18695	3990 $\pm$ 65	2855-2292	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
13.	Ua-20454	4035 $\pm$ 40	2838-2462	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
8.	Ua-18041	4065 $\pm$ 70	2787-2495	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
21	Ua-18696	3975 $\pm$ 60	2624-2289	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
16.	Ua-20452	4010 $\pm$ 40	2623-2457	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C, área de sedimentos escuros com fauna
19.	Ua-20451	3980 $\pm$ 40	2618-2348	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
23	Ua-18703	3935 $\pm$ 60	2577-2206	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
retirado de J. Cardoso, 2008, 494, 495					

Quadro 12 – Datas absolutas de Castanheiro do Vento relativas ao enchimento de estruturas

Datas absolutas de Castanheiro do Vento do enchimento das estruturas					
Nº interno	Número de Laboratório	Valores da data em BP	Data calibrada BC 2 σ	Estrutura	Local de recolha da amostra
14	Ua-22458	4020 $\pm$ 80	2900-2300	BD	Interior da estrutura
5	Ua-22460	4095 $\pm$ 50	2880-2490	BD	Interior da estrutura
10	Ua-22462	4050 $\pm$ 50	2860-2460	BD	4º nível de decapagem de escavação
11	Ua-22457	4045 $\pm$ 50	2860-2460	BD	Interior da estrutura
17	Ua-18697	4005 $\pm$ 60	2856-2336	BA	Micro estrutura 2
15	Ua-22459	4010 $\pm$ 50	2840-2340	BD	Interior da estrutura
25	Ua-18702	3880 $\pm$ 60	2492-2036	BB	Na linha basal da estrutura B
51	Ua-32080	3895 $\pm$ 40	2480-2200	Ec3	Interior da estrutura, numa área de barro queimado
26	Ua-23429	3850 $\pm$ 40	2460-2200	BE	Nível de sedimentos cinzentos
28	Ua-18040	3790 $\pm$ 60	2457-2035	BA	Interior da estrutura
29	Ua-18701	3790 $\pm$ 60	2457-2015	BC	Interior da estrutura
27	Ua-18042	3810 $\pm$ 75	2446-2036	BB	Interior da estrutura
30	Ua-23428	3740 $\pm$ 40	2290-2020	BF	Interior da estrutura
58	Ua-32087	3630 $\pm$ 45	2140-1880	Ec1/2/6	Interior da estrutura circular geminada 6
35	Ua-23427	3460 $\pm$ 40	1890-1680	BF	Interior da estrutura
36	Ua-18700	3400 $\pm$ 60	1878-1524	EstC1	Debaixo da área de combustão
65	Ua-33980	3395 $\pm$ 35	1870-1600	Ec2	Interior da estrutura circular geminada 2
56	Ua-32085	3320 $\pm$ 45	1740-1490	T	Interior da estrutura, junto à linha basal
63	Ua-33982	3170 $\pm$ 35	1520-1390	Ec15	Interior da estrutura
39	CSIC-1807	2551 $\pm$ 30	802-542	EstC1	Interior da estrutura
retirado de Cardoso, 2008, 494, 495					

Créditos

Desenhos com inclusão de fotografia das estampas 3, 4.3-7 e 5.2 foram elaborados por André Pereira; tintagens da estampa 5.6 e 5.8 foram retirados da obra mencionada de Ana Vale de 2003; todos os outros desenhos e fotografias, incluindo montagem das estampas são da autoria de Ângela Carneiro.

Bibliografia

- BAPTISTA, L., GOMES, S., JORGE, S., JORGE, V., CARDOSO, M., OLIVEIRA, L., PEREIRA, L., VALE, A., VELHO, G., VIEIRA, A., (2008) – “Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006)”, Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 20 de Maio de 2006), Pré-História – Gestos Intemporais 01, p. 120-135, Vila Nova de Foz Côa.
- CARDOSO, J. (2008) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a. C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, dissertação de doutoramento não publicada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 571, Porto.
- CARVALHO, A. F. (1999) – Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa, Revista Portuguesa de Arqueologia, 2/1, p. 39-70, Lisboa.
- CARVALHO, A. F. (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), Revista Portuguesa de Arqueologia, 6/2, p. 229-273, Lisboa.
- CASTRO, G. D., MANZANO, J. F. (2000) – La trayectoria cultural de la Prehistoria Reciente (6400-2500 BP) en la Submeseta Norte española: principales hitos de un proceso, Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, p. 4, 95-122, ADECAP, Porto.
- CRUZ, D. J. (1998) – Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a. C.), A Pré-História na Beira Interior. Estudos Pré-Históricos; 6, p. 149-166, Viseu.
- GARCÍA, J. F. F. (1995) – El aspecto funerario durante el calcolítico y los inicios de la edad de Bronce en la Meseta Norte, Acta Salmanticensia, Estudios Históricos y Geográficos, 93, Ediciones Universidad de Salamanca, p. 222, Salamanca.
- GONZÁLEZ, A. B. (2009) – El poblamiento del Bronce Final y Primer Hierro en el sector meridional de la Submeseta norte, dissertação de doutoramento não publicada da Universidade de Salamanca, Vol. I, p. 542, Vol. II (1), p. 335, Vol. II (2), p. 377, Salamanca.
- JIMENO, A., FERNÁNDEZ, J., ROVILLA, M. L. (1988) – Asentamientos de la Edad de Bronce en la Provincia de Soria: consideraciones sobre los contextos culturales del Bronce Antiguo, Trabajos de Prehistoria, 30, p. 85-118, Madrid.
- JORGE, S. O. (1986) – Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental), 3 volumes, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- JORGE, S. O. (1993) – O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do norte de Portugal, Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e de Etnologia, XXXIII (1-2), p. 179-221, Porto.
- JORGE, S. O. (1998) – Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal): Beve genealogia de uma interpretação, Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior, Estudos Pré-Históricos, 6, p. 279-293, Viseu.
- JORGE, S. O. (1999) – Domesticar a terra – as primeiras comunidades agrárias em território português, p. 160, Edições Gradiva, Lisboa.
- JORGE, S. O., (2005) – O passado é redondo – dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais, p. 248, Edições Afrontamento, Porto.
- JORGE, S. O., RUBINOS, A. (2002) – Absolut chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (Northern Portugal): data and problems, Journal of Iberian Archaeology, 4, p. 83-105, Porto.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., COIXÃO, A., (2002a), – Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro), Côavisão, 4, pp. 73-93, Vila Nova de Foz Côa.

- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., COIXÃO, A., (2002b), – *Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal*, C. Scarre (ed.), *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*, p. 36-50, Londres.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., COIXÃO, A., (2003a), – *Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro), Vila Nova de Foz Côa, Côa, Còavisão*, 5, p. 99-131, Vila Nova de Foz Côa.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., COIXÃO, A., (2003b), – *Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002)*, *Journal of Iberian Archaeology*, 5, p. 137-161, Porto.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., COIXÃO, A., (2003c) – *A propósito do recinto monumental do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa)*, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, p. 79-113, Porto.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., VALE, A., COIXÃO, A., (2004), – *O Recinto Monumental Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) após os Trabalhos de 2003. Breve Relatório*, *Còavisão*, 6, p. 97-140, Vila Nova de Foz Côa.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., VALE, A., COIXÃO, A., (2005), – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*. Algumas reflexões sobre estratégias de organização do espaço neste recinto monumental pré-histórico, *Actas IVº Congresso de Arqueologia Peninsular*, p. 61-67, Vila Nova de Foz Côa.
- JORGE, V. O, CARDOSO, J., PEREIRA, L., VALE, A., COIXÃO, A., (2007), – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Breve relatório da campanha de escavação de 2006*, *Còavisão*, 9, p. 251-266, Vila Nova de Foz Côa.
- ROBALO, E., OSÓRIO, M., (2006) – *Achegas para o estudo do povoamento calcolítico na Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)*, II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, *Còavisão – Cultura e Ciência*, 8, p. 205- 226, Vila Nova de Foz Côa.
- SANCHES, M. J. (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, GEAP, *Monografias Arqueológicas*, 3, p. 170, Porto.
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro – O abrigo do Buraco da Pala no contexto regional*, SPAE, 2 vols., p. 291, Porto.
- SANTOS, A. T., (2008) – *O Sabugal no contexto da Pré-História da Beira Interior*, *Catálogo do Museu do Sabugal*, *Colecção Arqueológica*, p. 11-25, Sabugal.
- VALE, A. (2003) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*. Contributos para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000), dissertação de mestrado policopiada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 177, Porto.
- VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade – estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio a. C.* (Fornos de Algodres, Guarda), Município de Fornos de Algodres, p. 654, Braga.
- VARELA, J. M. (2001) – *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Tradição e inovação na transição do IIIº para o IIº milénio a. C.*, dissertação de mestrado policopiada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I, p. 168, Vol. II, s/p., Porto.